



ENTRE REPRESENTAÇÕES, MEMÓRIAS E SENSIBILIDADES: A MIGRAÇÃO QUIXADAENSE COMO OBJETO DE PESQUISA.

BETWEEN REPRESENTATIONS, AND MEMORIES SENSITIVITIES: MIGRATION AS A SUBJECT OF SEARCH QUIXADAENSE.

Vilarin Barbosa Barros*

RESUMO: Tivemos como objeto de pesquisa, na dissertação defendida junto ao Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, e como objetivo neste artigo visamos socializar uma experiência de trabalho desenvolvido sobre o deslocamento de quixadaenses entre sua terra natal e a capital bandeirante. Utilizamos em nossa pesquisa as entrevistas realizadas com um grupo de homens e mulheres que, entre os anos de 1973 a 2001, emigraram e retornaram à Quixadá. Das veredas que percorreram, retalhos de suas histórias nos chegaram atualizadas, inclusive, as correspondências que encontramos: selecionadas e arquivadas com o tempo. Utilizamos estas missivas, pertencentes aos migrantes, também como fontes. Assim, mediante a tais evidências escritas e orais, formulamos três questões: o que representou a experiência da migração para os nossos entrevistados? Quais as possíveis motivações de suas partidas? E, por que retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá? As respostas nos foram apresentadas em fragmentos, por meio de indícios deixados na estrada da vida, podendo revelar-nos subjetividades e sensibilidades, acontecidas numa migração. Comparando e contrastando as fontes, tendo como perspectiva a História Cultural, visamos compreender, partindo das representações, histórias sentidas e vividas, tessituras sociais, assim como um processo migratório reeditado pelas memórias dos quixadaenses.

PALAVRAS - CHAVE: Experiência de Pesquisa; Migração; representações; sensibilidades.

ABSTRACT: We as a research object, the dissertation defended at the Academic Master's in History from the State University of Ceará, representations of daily life of migrants quixadaenses on St. Paul, and the objective in this article we aim to socialize the experience of work on shift quixadaenses between his hometown and the capital pioneer. We use in our research interviews with a group of men and women, between the years 1973 to 2001, emigrated and returned to Quixadá. The paths they traveled, flaps his stories reached us updated, even the matches we

* Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente é professor da Universidade Estadual do Piauí/ UESPI – Amarante - PI. E-mail: vilarinbarros@yahoo.com.br



found: selected and archived over time. We use these missives, belonging to migrants, as well as sources. Thus, upon such written and oral evidence, we formulated three questions: which represents the migration experience for our respondents? What are the possible motivations of their games? And, who returned to São Paulo and started to live again in Quixadá? The answers were presented in fragments, through clues left in the road of life, can reveal to us subjectivities and sensibilities, acontecidas a migration. Comparing and contrasting sources, in an attempt to Cultural History, we aim to understand, starting from the representations, felt stories and lived, tessituras social as well as a migration process reissued by memories of quixadaenses.

KEYWORDS: Research Experience; Migration; representations; sensibilities.

Mande notícias do mundo de lá/ Diz quem fica/ Me dê um abraço/ Venha me apertar/
Tô chegando/ Coisa que gosto/ É poder partir/ Sem ter plano/ Melhor ainda/ É
poder voltar/ Quando quero/ (...) A hora do encontro/ É também despedida/ A
plataforma desta estação/ É a vida desse meu lugar/ É a vida desse meu lugar/ É a
vida. (Milton Nascimento e Fernando Brant – **Encontros e Despedidas**).

Por um instante, poderíamos iniciar este trabalho pegando passagem na canção “Encontros e despedidas”, pensando, na verdade, de onde falamos. E, neste momento primeiro, seguindo o enredo da letra de Milton Nascimento e Fernando Brant refletir sobre a plataforma de nossa estação como sendo registrada por nossas recordações, “a vida desse meu lugar”¹. De tal forma, sendo este também o meu lugar tornou-se corriqueiro saber de idas e vindas, de vidas, mas, dos migrantes quixadaenses, registrando em minha memória um dinamismo, um ir-e-vir semelhante à referida canção: “todos os dias é um vai e vem/ A vida se repete na estação/ Tem gente que chega pra ficar/ Tem gente que vai pra nunca mais/ Tem gente que vem e quer voltar”², outros que vão e querem ficar, sujeitos que vieram apenas olhar, tem gente sorrindo e a chorar. E assim, os retornos e partidas dos migrantes são apenas dois lados de uma mesma viagem em que à hora de encontros pode ser também um momento de despedidas.

¹ BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. Encontros e Despedidas. Intérprete: Milton Nascimento. In: **TRAVESSIA o melhor de Milton Nascimento**. Gravadora / Selo, UNIVERSAL / Polygram. Ano 1999. Faixa 7 (3 min 34 s). Disponível em: <<http://www.radio.uol.com.br/#/musica/milton-nascimento/encontros-e-despedidas/167823>>. Acesso em: 2 abr., 2011. Lançada em sua primeira versão no ano de 1985.

² Idem.



Sobre esses momentos dos quixadaenses, antes mesmo da pesquisa, tive a oportunidade de escutar histórias narradas, relatos das experiências de sujeitos, inclusive de familiares, meu pai, especialmente, que emigrou no final da década de 1960 para a capital bandeirante, e depois retornou à terra natal. Já no decurso de um pensar esta pesquisa, conterrâneos e colegas de infância deslocando-se para a capital paulista, dizendo, por exemplo, buscar melhores condições de vida, conquistar um trabalho, ou até mesmo se aventurar, foi cena presenciada em um dia-a-dia em Quixadá³. Despedidas foram vivenciadas e registradas em minhas lembranças, como por exemplo, a de colegas de infância: Messias e Francisco, pseudônimos, que tive a oportunidade de acompanhá-los em um terminal rodoviário de Quixadá, antes de uma viagem para a capital paulista:

Messias emigrou para São Paulo numa manhã de quarta-feira, no dia 17 de Fevereiro do ano de 2005. Ele se despedia de seus amigos e sua mãe, indo viajar de ônibus na companhia de sua irmã, cunhado, sobrinho e um amigo seu, Francisco, conhecido de infância. Esse último, que entrara primeiro no ônibus, chorava bastante ao ver seu amigo Messias se despedir de familiares e, ao pensar, possivelmente, em se desgarrar de seu pedaço querido, de sua terra natal. Era a sua primeira vez, semelhante ao Messias, que rumava a São Paulo pensando em lá estabelecer sua nova morada. (BARROS, 2010. p. 625.)

As histórias contadas por um migrante dos anos 1960 se comparadas às de quixadaenses, que emigraram em 2005, podem revelar-se com peculiaridades bastante distintas em virtude, inclusive, da distância existente entre os momentos em que migraram. Porém, o que gostaríamos de demonstrar neste momento é o “lugar social” (CERTEAU, 1998.) de quem escreve, entendendo que essas marcas em uma pesquisa são indestrutíveis; apenas procuramos evidenciá-las com os ditos acima.

³ Quixadá atualmente é um dos principais municípios do sertão central cearense. Conta com Instituições de Ensino Superior como a Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central, agregada à Universidade Estadual do Ceará, e a Faculdade Católica Rainha do Sertão, mantida pela Diocese da Igreja Católica, ali sediada, além de contar com um Campus da Universidade Federal. Possui uma população estimada, pelo relatório de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 80.605 habitantes.



Na verdade, o lugar de onde falo não foi condicionado apenas pelas relações entre familiares e com conterrâneos, nem somente por ter presenciado encontros e despedidas de indivíduos que emigraram para São Paulo, pois a pesquisa também está marcada por oportunidades e vivências acadêmicas, principalmente, quando ainda na graduação participei como bolsista de uma pesquisa financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), realizada no período de primeiro de março do ano 2005 a 28 de fevereiro de 2006. Nesta ocasião, em que juntamente com a aluna Fabiana de Holanda, fomos orientados pelo Prof. Dr. Alexandre de Almeida Barbalho, realizamos entrevistas, visando o desenvolvimento do projeto intitulado: “Emigrantes e Imigrantes – Trânsito de culturas entre o sertão central cearense e as grandes metrópoles brasileiras”.

De fato, ao término da pesquisa, mais de vinte entrevistas tinham sido realizadas. Não eram apenas com os migrantes quixadaenses, mas incluíam os emigrantes e imigrantes sertanejos que tinham transitado, no final do século XX, entre o sertão central cearense e as grandes metrópoles do Brasil. Todavia, após o término em 2006, constatamos que a maioria dos entrevistados, na verdade, era de Quixadá e, o lugar para onde foram e do qual retornaram era: São Paulo. Nove foi o total de quixadaenses entrevistados até o dia 28 de fevereiro de 2006. A pesquisa gerou também a seleção de inúmeras fotos, as quais foram doadas pelos migrantes.

É verdade que recorreremos às fotografias em nossa pesquisa, mas, na medida em que elas potencializaram as narrativas dos entrevistados, funcionando como uma espécie de “objeto biográfico” (DIETRICH, 2008, p.2.). Sua função, de todo modo, está atrelada ao desenvolvimento das entrevistas que realizamos com os migrantes. As fotos foram solicitadas por nós em momentos que antecederam as entrevistas, pois acreditávamos que elas contribuiriam para o afloramento das lembranças dos quixadaenses. Assim, pedimos que os entrevistados selecionassem fotos que retratassem três momentos distintos de suas vidas, ou seja, antes deles terem emigrado, de quando eram imigrantes e uma fotografia de um momento em que retornaram a sua terra natal.



Ainda no ano de 2006 entrevistamos mais dois migrantes e, em 2009, foi concedida a entrevista que completou o quadro das doze pessoas, que foram protagonistas deste trabalho. São elas: Sr. Américo Soares; D. Alderiza Silva; Sr. Antônio Teixeira; Sr. Antônio Jorge; Sr. Gilberto Teixeira; Sr. Gilberto Nunes; D. Eliana Lima; D. Valquíria de Holanda; Margor-Marly, pseudônimo; Sr. Pedro Dehon; Sr. Nazareno Firmino e o Sr. Cláudio Laurentino.

Margor-Marly, em conversa que estabelecemos em 2009, disponibilizou a nossa pesquisa mais de quarenta correspondências. Recebemos também doações de missivas da D. Oscarina Soares, mãe dos migrantes: Sr. Américo Soares e Sr. Antônio Jorge; uma carta de D. Alderiza Silva e mais três correspondências de D. Francisca da Silva, que também tem filhos que emigraram para São Paulo. Tivemos um total de sessenta correspondências que foram doadas para nossa pesquisa e datam dos anos 1970 até o início do século XXI. Tratava-se de narrativas escritas, que nos possibilitaram traduzir sensibilidades distintas das afloradas pelas memórias dos entrevistados, mas que nos ajudaram a compor nossa trama histórica, nossa ficção controlada por fontes, metodologia e teoria.

Nas correspondências encontramos fatos narrados sobre os migrantes, quando se encontravam em São Paulo ou retornados, e também histórias de amores. Somos informados sobre encontros, tratos e destratos acontecidos com esses sujeitos nômades. As missivas ainda relatam sobre conquistas e dissabores, que se fizeram presentes nas vidas dos migrantes quixadaenses. A grande maioria dos escritos são “correspondências passivas” (VENÂNCIO, 2005, p. 67-84), ou seja, recebidas de outros e não redigidas pelos próprios entrevistados; mas, mesmo assim, não deixam de contar um pouco das relações que estabeleceram em um passado. Várias das missivas encontradas estavam guardadas em arquivos pessoais a mais de trinta anos, e, de forma graciosa, foram doadas para realização desta pesquisa.

Todos os indivíduos que entrevistamos nos trazem uma peculiaridade: migraram para São Paulo, onde viveram pelo menos três anos e, no momento da entrevista, residiam em sua terra natal, na “casa natal”, para utilizarmos um conceito de Bachelard, há no mínimo quatro anos. O lugar em que nos concederam as entrevistas é preciso destacar, pois, devemos salientar que ele é



“mais que um centro de moradia... é um centro de sonhos” (BACHELARD, 1993, p. 34), aliás, donde todos os indivíduos apareceram neste trabalho contando as versões de suas idas e vindas. Escolhemos apresentá-los de forma mais detalhada apenas no primeiro capítulo, ocasião em que eles também nos falaram sobre o que se identificaram e estranharam, no processo migratório vivido.

Mediante os doze entrevistados: oito homens e quatro mulheres, que emigraram e retornaram à terra natal, depois de viverem no mínimo por três anos em São Paulo, e nos contaram suas experiências e versões de suas histórias, tivemos como objeto de pesquisa as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo e, para a realização deste trabalho, partimos das seguintes fontes: entrevistas e correspondências.

Nosso recorte temporal corresponde aos anos de 1973 a 2001, período em que, entre as pessoas que entrevistamos, foi registrada a primeira emigração, cuja protagonista foi a D. Valquíria de Holanda, e o último retorno de São Paulo, feito pelo Sr. Gilberto Nunes. Tendo por base a referida delimitação é que podemos pensar nosso objeto: as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. Até porque é sobre as experiências desse tempo de idas e vindas, que se torna possível (re)elaborar representações dos sujeitos, que nos contam suas histórias enquanto migrantes, ou seja, que partiram e retornaram à terra natal. Dito de outra forma, só podemos analisar o nosso objeto de estudo se considerarmos um tempo em que os entrevistados se tornaram migrantes. São as memórias e representações sobre esse período que estamos, primordialmente, a refletir.

Recorremos à memória, ou seja, a esse “cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1994, p. 39) como sendo ela, expressão de experiências coletivas vivenciadas pelos indivíduos. Nesse sentido, pensamos em uma “memória social” (FENTRESS; WICKHAM, s.d, p. 41) que, obviamente, está imbricada de relações históricas. Aliás, segundo Mônica Velloso: “entre a memória e a história é possível um espaço. Espaço poroso habitado pela poética de um tempo construído e vivido individualmente, mas revelado na tessitura do social. Essa tessitura que me interessa tocar” (VELLOSO, 2009, p.01-02).



Assim, através da análise das narrativas, das falas dos quixadaenses, foram tecidas versões de uma migração, quando utilizamos a história oral enquanto metodologia, onde, por meio desta, visamos registrar também testemunhos e “interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais” (DELGADO, 2006, p.15). Objetivávamos ainda com a metodologia representar e tecer a realidade através de um “mosaico de colchas” (PORTELLI, 1997, p.16) aos retalhos que, ao serem urdidos, nos possibilitassem detectar as várias nuances de relações nas representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo.

Todavia, no contexto de fabricação da pesquisa, quais outras ferramentas teóricas poderiam ser utilizadas para operacionalizar nosso objeto? Pensávamos também um pouco nas reflexões que envolvem a temática do cotidiano...

Entre os trabalhos que analisam a referida temática, tivemos Silvia Petersen que, ao refletir sobre o cotidiano ressaltando a importância de se pensar o “habitar (criar hábitos)” (PETERSEN, 1994, p.123), esse que conforme a autora disse, para além de espaço, se refere a uma questão de tempo e se dá como produto de práticas cotidianas baseadas em inúmeros “ajustamentos tanto na escolha e apropriação simbólica dos lugares, como nas relações de vizinhança, nas repetições cotidianas de gestos, palavras, itinerários, convivências” (PETERSEN, 1994, p.123).

Relações que nos pareceu, mesmo nos chegando por representações, que foram ajustadas com o tempo, através de um “criar hábitos”, ou conforme especificou o Sr. Gilberto Nunes: logo ao chegar a São Paulo estava “meio assombrado, mas, depois vai pegando o clima, se acostumando”. Esse acostumar diz respeito, possivelmente, a um “pegar o clima”, a necessidade de se criar novos hábitos, a ajustamentos de práticas em uma nova rotina que se fez cheia de significados para os emigrantes, que passaram a viver no final do século XX em uma grande metrópole.

Maffesoli, ao pensar a temática da vida cotidiana, faz uso do conceito de “socialidade”, chamando-nos atenção para “gestos miúdos” que ocorrem no dia-a-dia e que, na verdade, estão



enovelados não de homogeneizações e de algo monovalente, mas, por um “misto de sentimentos, paixões, imagens” (MAFFESOLI, 1984, p.8) e contradições vivenciadas que, por sua vez, nos incita a relativização de certezas estabelecidas.

Mediante as reflexões, ou seja, entre o que Silvia Petersen entende por “habitar”, um “criar hábitos” e o que Maffesoli compreende por “socialidade”, pensamos o cotidiano como um palco onde tramas de vidas possivelmente foram sentidas, vividas, reconstruídas, e hoje são re-significadas, ou, podemos ainda dizer: representadas pelos migrantes quixadaenses. Um cotidiano marcado por sensações, valores, emoções, e que nos foi apresentado aos “pedaços”, talvez mesmo nos chegasse como flashes de inúmeros tempos, possíveis de serem investigados a partir das memórias e correspondências.

Ao pensarmos ainda na ideia de cotidiano, entendemos que este foi vivido pelos entrevistados imigrantes de forma “tática” (CERTEAU, 1994). Eles próprios salientaram que, quando necessário, mudavam a maneira de falar, o sotaque, para jogar em território alheio, conforme nos disse o Sr. Cláudio Laurentino. Assim, entendemos que ao atentarmos para a temática do cotidiano detectamos realidades que foram marcadas também por tensões, conflitos e contradições, onde são múltiplas as peculiaridades e formas “de resistência/ luta, integração / diferenciação, permanência / transformação” (MATOS, 2002, p.26); semelhante às próprias trajetórias dos migrantes.

Todavia, quando pensamos neste trabalho: “cotidiano”, entendemos que, de fato, ele nos chegou enquanto representações de migrantes quixadaenses que viveram em São Paulo, e possivelmente, estas passaram pelo filtro da memória, por atualizações no presente que reconstrói e transforma, dá outras formas a realidades do passado.

Tivemos, é verdade, como perspectiva em nosso trabalho a “História Cultural”⁴ que, como sabemos visa, em termos gerais, traduzir realidades de outrora por meio de representações, visando “chegar àquelas formas discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2003, p.42). E, as representações “se apresentam como

⁴ Sobre uma pesquisa que tem como perspectiva a História Social e aborda a temática da migração, ver: SALES, 2006.



uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana” (SÊGA, 2000, p. 128-129), uma forma de conhecimento elaborada, desenvolvida e expressada conforme os modos de momentos vividos por indivíduos e grupos que desejam “fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que lhes concernem” (SÊGA, 2000, p. 128-129). Dessa forma, quando refletimos sobre o nosso objeto de pesquisa, entendemos que,

A representação é sempre a atribuição da posição que as pessoas ocupam na sociedade, toda representação social é representação de alguma coisa ou de alguém. Ela não é cópia do real, nem cópia do ideal, nem a parte subjetiva do objeto; nem a parte objetiva do sujeito, ela é o processo pelo qual se estabelece a relação entre o mundo e as coisas (SÊGA, 2000, p. 129).

Dito isso, rastreamos a realidade e procuramos decifrá-la através das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. E estas nos chegaram e foram apresentadas, em grande medida, como já salientamos, através de memórias construídas sobre o passado, mas, que constantemente foram sendo atualizadas e renovadas no “tempo presente” (DELGADO, 2006, p.9).

Quando atentávamos para as entrevistas, percebemos que os quixadaenses se remeteram em grande medida às suas vivências de um período em que estiveram em São Paulo. Falaram de prazeres e medos, de trabalhos, sensações, projetos de vida, de diferenças, identificações e, fundamentalmente, representaram um passado acontecido fora da terra natal, sendo que corriqueiramente compararam através de suas narrativas relações estabelecidas quando imigrantes com a que atualmente viviam em Quixadá. Na verdade, além de falarem do presente e passado, se remeteram a um processo consumado, ou seja, a realização de uma migração, de idas e vindas, de um desfecho de suas histórias lembradas, mas, do lugar em que nasceram.

Ao nos depararmos com os relatos de memórias dos migrantes, em vários momentos eles nos falavam que São Paulo foi um bom lugar, além do mais, foi onde conseguiram emprego e se adaptaram, afirmaram. Então, mediante as informações, indagamos: por que mesmo, grosso



modo, eles relataram também que não mais queriam emigrar? O que de fato significou a migração para esses indivíduos?

Entendemos que os quixadaenses partiram rumo a São Paulo na expectativa de mudar de vida que incluía tanto questões objetivas: conseguir emprego e dinheiro na difundida capital do trabalho, quanto elementos subjetivos: como adquirir conhecimentos e ostentar novos valores, inclusive desejos de mudança que dizem respeito a uma necessidade de usar outras vestimentas e deixar de ser “comum” aos olhos da sociedade na qual nasceram, e mais, de voltarem realizados e marcados como sujeitos que acumularam experiências, indivíduos diferentes, agora, depois das andanças: migrantes quixadaenses. Entretanto, de que forma as representações de um passado vivido em São Paulo nos chegou? E ainda: quais sentidos conferidos ao mundo foram possíveis de serem detectados através de nosso objeto?

Além de entrevistas, os significados de vidas representadas também nos foram apresentados por cartas. Obviamente, as missivas nos fizeram pensar um pouco mais na definição de nossa metodologia.

As correspondências permitiram explorar aspectos do dia-a-dia, que se tornam “inatingíveis em pesquisas macro-históricas, devido em parte à intimidade entre os correspondentes” (BATISTA, 2006, p.22). Através delas se estabeleceram também, além de contatos com familiares radicados nos lugares de destino da emigração, algumas orientações que possivelmente ajudaram indivíduos a decidirem suas partidas. Por sua vez, são textos de uso familiar, reveladores de peculiares valores manifestados entre os que se correspondem, e, as missivas evidenciaram o próprio teor de relações que foram estabelecidas no passado, isso, através de informações fornecidas em “primeira mão insubstituível, na qual se deposita uma confiança não concedida às estatísticas oficiais” (CROCI, 2008, p.30-31), nem mesmo em documentos de agentes de emigração; pois, as missivas são potencialmente reveladoras de detalhes, de sensibilidades, que se expressam de forma bem diferente, em sua espontaneidade, dos conteúdos apresentados em documentos oficiais.



Portando tais fontes, como as cartas, foram por nossa metodologia de trabalho, contrastadas e comparadas às falas, representações, visando por critérios de verdades possíveis tramarmos a realidade através de um mosaico, que foi tecido em retalhos, urdido a partir de fragmentos de entrevistas e correspondências. Assim, “montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário, eis o segredo de um método do qual a História se vale, para atingir os sentidos partilhados pelos homens de um outro tempo” (PESAVENTO, 2003, p.65).

Entre memórias e representações percebemos os significados prováveis, que emergiram através da análise de nosso objeto, marcados por lembranças diferentes, por tempos diversos, que às vezes se distanciavam de um agora, mas, comumente estiveram marcados pelo presente. Vale ainda salientar que, apesar de portarmos inúmeras fontes, vivemos uma época na qual ter documentos em mãos não nos faz tocar verdades absolutas. Operacionalizamos, fabricamos conhecimentos sobre nosso mundo com caracteres de verossimilhança sim, mas os produzimos em forma de uma “ficção”, por ser recortada, “inventada”, construída, enredada, porém controlada por fontes e teorias, ou seja, o que intentamos desenvolver foi uma espécie de “ficção controlada” (PESAVENTO, 2003, p. 58).

Foi assim que pensamos o construto do trabalho, estudamos nosso objeto de pesquisa e procuramos conduzir uma investigação, atentando-nos ainda às sensibilidades (PESAVENTO, 2008, p.14), às expressões de memórias e representações, ou seja, analisamos pistas, conduzimos nosso trabalho nos caminhos trilhados pelos sujeitos que entrevistamos.

Quanto aos migrantes quixadaenses, eles nos falaram de suas idas e vindas, seus desejos e medos, de suas experiências de vida mencionando, inclusive, que ao emigrarem de sua terra natal tinham noutra estado alguns familiares ou amigos que os recebiam, que já se encontravam radicados no lugar para o qual se destinavam.



Assim, pensamos em um trânsito acontecido nos anos de 1973 a 2001, onde as “redes migratórias”⁵ já haviam sido estabelecidas e comportavam os quixadaenses. Tais redes consistem, na verdade, “em laços que interligam o local de origem e seus membros àqueles que estão no local de destino, com vias a facilitar a transposição de desafios, além de representar esta proximidade com a cultura de origem” (NETO; NAZARETH, 2006, p.19). Elas constituíram também em apoios aos migrantes e isso se deu tanto em ordem objetiva como subjetiva, contribuindo para que eles tivessem amenizadas as sensações de estranhamentos quando estiveram fora da terra natal. Através da existência de grupos de conterrâneos no lugar de destino, com o passar do tempo, se consolidaram fluxos migratórios, que acabaram por se estabelecer em redes, as quais se configuraram como importante meio para indivíduos que desejavam, por exemplo, sair de Quixadá.

O trabalho ao qual nos referimos foi intitulado: “Nos rastros de uma migração Quixadá (CE) – São Paulo: representações, memórias e sensibilidades”. Neste, falamos de indivíduos inseridos em um tempo no qual as redes migratórias entre à terra natal e o lugar receptor já estavam estabelecidas. O período é posterior ao recorte que Ely Estrela fez em sua pesquisa ao pensar os “Sampauleiros” (ESTRELA, 2003), baianos que transitaram de 1930 a 1970 entre o alto sertão da Bahia e São Paulo. Em seu recorte é possível falar de indivíduos que precisaram dos órgãos de arregimentação do Estado para efetivar uma nova vida em São Paulo, que foram pioneiros e emigraram sem contar com algum apoio de conterrâneos, e ainda, que não vivenciaram uma rede migratória já estabelecida. De fato, as condições em que viveram os entrevistados de Ely Estrela marcaram um período em que, pelas características mencionadas, se distinguem dos anos 1973 a 2001, vividos pelos migrantes quixadaenses que entrevistamos; pois estes já tinham familiares ou amigos radicados em São Paulo que os apoiavam e ajudaram, na verdade, a tecer uma rede migratória já estabelecida.

⁵ Sobre a utilização da ideia de uma migração estabelecida em redes, ver: ESTRELA, 2003, p.155. Conferir também: SOUSA, 2006. p.44 e 81. Sendo que, para recorrer ao conceito de “redes migratórias”, ver: NETO; NAZARETH, 2006.



Conforme Ely Estrela, os baianos recém-chegados à capital paulista sentiam uma espécie de abismo ao compararem à terra natal com o novo lugar que lhes cabia conhecer e passar a dominar seus novos códigos de conduta. Enfim, a autora salienta que tudo era estranho aos “Sampauleiros”, tudo lhes causava espanto e incertezas. Através da análise das entrevistas, ela constata que:

(...) dos indivíduos que foram para a lavoura, observa-se que a vida no novo ambiente lhes causava também medo e insegurança. Medo do desconhecido. Medo do desacerto. Medo da perdição. Medo da fome. Vergonha de retornarem em condições muito piores do que quando partiram (ESTRELA, 2003. p.155).

Através do estudo de nosso objeto, evidenciam-se alguns medos representados pelos quixadaenses que se assemelham aos dos “Sampauleiros” de Ely Estrela, como o medo do desconhecido. Mas, constatamos também fragmentos de um outro tempo que foi analisado em nossa pesquisa, que se encontra principalmente marcado por uma rotina frenética própria da cidade grande, – não de uma vida na lavoura, não de temer a fome. Os quixadaenses protagonistas em nosso trabalho não emigraram em virtude de fenômenos climáticos como as secas. Os contextos configurados na pesquisa tiveram expressões e sentimentos específicos do período que delimitamos, como, por exemplo, o medo da violência urbana.

Diferentemente dos “Sampauleiros”, para os quixadaenses voltarem à terra natal em melhores condições de vida, pareceu bem mais possível, tendo em vista que eles não tiveram que se desfazer de seus bens para emigrarem de Quixadá, ou seja, o seu deslocamento não demandou maiores esforços, nem o fizeram em meio a crises financeiras. Antes estavam inseridos em uma rede migratória já estabelecida, que os possibilitava serem recebidos por familiares ou amigos, tanto em São Paulo como em Quixadá, tornando seu transitar mais fácil do que para muitos dos entrevistados de Ely Estrela. Por isso, no caso dos quixadaenses, o retorno não apareceu como sendo uma vergonha, mas como uma opção desejável, uma possibilidade de recomeçar uma nova rotina, em um lugar no qual não foram desfeitas as moradas ao partirem para São Paulo.



Vale ressaltar também que a geração de migrantes que entrevistamos pode ser caracterizada como um grupo não-pioneiro, que se deslocava de ônibus, não em transportes ilegais de condições precárias como aponta a referida pesquisa de Ely Estrela, sequer em aviões, como podemos perceber com a maioria dos quixadaenses que retornam de férias de São Paulo no final da primeira década do século XXI.

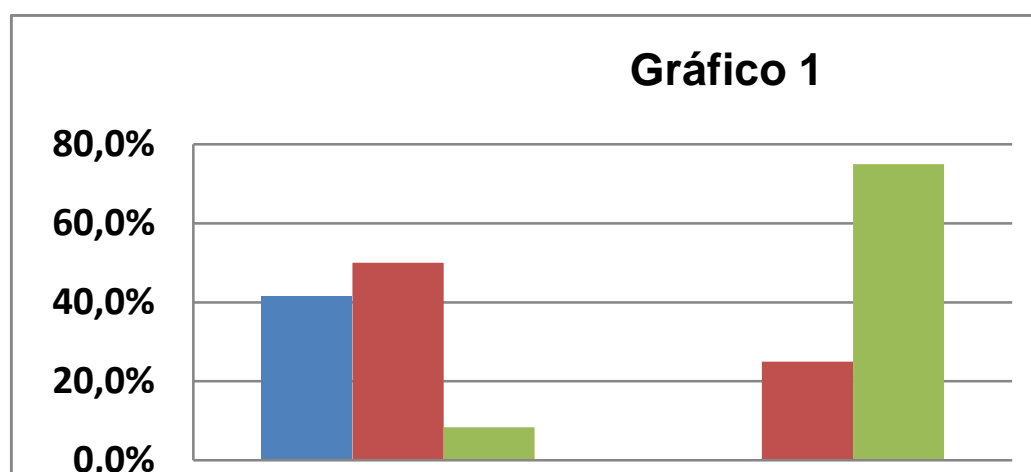
Ainda sobre o grupo de quixadaenses, foi possível detectar uma época em que indivíduos embalavam os romances na juventude através de músicas que eram oferecidas por meio de programas transmitidos pelo rádio. Sujeitos que, ao emigrar, mandavam fotos registradas em máquinas analógicas e se comunicavam através de cartas que ajudavam a realizar aproximações e a tecer redes de afetividade entre os entes queridos que se encontrassem distantes. Os doze protagonistas deste trabalho estão localizados e marcados por um tempo que antecede a popularização do telefone e, principalmente, a era digital com a internet e suas redes sociais, como: Orkut e Facebook, propagadas a partir de 2004 (VIEIRA, 2010). Redes essas que podem contribuir para a constituição de laços afetivos, onde é possível sujeitos dialogarem e se verem em tempo real, mesmo estando distantes. De fato, com os recursos utilizados através da internet são constituídos vínculos de afetividades bem distintos dos que foram tecidos através de manuscritos em papéis, de cartas, as quais eram correspondidas entre os migrantes em um período que traz suas peculiaridades.

Das doze pessoas, que entrevistamos, cinco se remeteram à importância do apoio recebido pelo Sr. Sebastião Félix, quixadaense do distrito de Custódio, que morava em São Paulo desde o começo dos anos 1960. O Sr. Sebastião nos contou em março de 2011 que emigrou, – antes de ir morar na capital bandeirante no distrito de Bela Vista, Rua Santo Antônio, número 58, – para o município de Caiuá, localizado a 624 km da capital paulista. Segundo ele nos disse, antes de sua partida era lavrador em sua terra natal, atividade essa que continuou desenvolvendo por um ano em Caiuá, interior do Estado de São Paulo. Sua história de vida não foi contada em nosso trabalho, porém, ela pontua um tempo anterior a emigração dos doze quixadaenses que



entrevistamos e se assemelha a dos baianos, entrevistados de Ely Estrela, que também emigraram e trabalharam na lavoura ao partirem de seu lugar de origem.

As representações que nos chegaram se remetem a São Paulo e suas imagens de multidão, um formigueiro formado por pessoas, de operários urbanos, e, em grande medida, relacionam-se a sujeitos que tiveram a experiência de trabalhar ou se assustar com as exacerbadas paisagens de concreto de uma cidade grande. Todavia, quando coletamos os dados pessoais de nossos entrevistados, descobrimos que estávamos lidando com sujeitos que emigraram não somente para distritos pertencentes à capital paulista, como: Pirituba, Bela Vista, Santo Amaro, Cidade Ademar, mas também para os municípios pertencentes ao Estado de São Paulo, como: Diadema, São Bernardo e Barueri. Contudo, não visamos através da análise de nosso objeto trabalhar especificamente um município ou distrito para o qual eles emigraram, não adotamos esta perspectiva⁶. Entretanto, antes mesmo de falarmos sobre a ideia de espaço adotada neste trabalho, vejamos os tempos de saída e retorno de nossos entrevistados expressos abaixo (Gráfico 1):



⁶ Para quem deseja pensar esse tipo de abordagem, ver: FONTES, 2008.



Obviamente o gráfico acima não representa a migração de cearenses para São Paulo, sequer dos quixadaenses em sua totalidade, mas, tem como função oferecer uma visão panorâmica de nossa delimitação. A partir de sua análise, percebemos que o grupo de pessoas que entrevistamos voltou em maior número na década de 1990, onde incluímos também o Sr. Gilberto Nunes que, embora tenha voltado somente em 2001, permaneceu em São Paulo durante aquele período semelhante à maioria dos entrevistados.

Em se tratando dos anos 1980, sabemos de uma conjuntura econômica do país divulgada como não-favorável, expressa, por exemplo, no trabalho de Teresa Caldeira (CALDEIRA, 2000). Todavia, detectamos que para além de quixadaenses, muitos foram do Estado do Ceará nesse período para São Paulo, contabilizando um saldo migratório de 101.950 pessoas, conforme constatamos através da pesquisa de Thiago Romeu (SOUSA, 2006, p.79). Assim, entendemos que contaram nas escolhas de uma emigração fatores de ordem micro ou subjetiva, os quais parecem ter afetado mais proximamente as vidas dos migrantes quixadaenses do que as tendências macro-econômicas do Brasil.

Muitos dos sujeitos entrevistados, que emigraram de Quixadá nos idos de 1970, falam hoje de forma eufórica das conquistas de emprego naqueles anos. No entanto, o que constatamos, quando recorremos aos registros contidos em suas carteiras de trabalho, cuja maioria havia sido emitida ainda no Ceará, foi uma generalizada ausência de indícios relativos à admissão destes indivíduos em algum tipo de trabalho formal durante os primeiros anos, em que viveram na metrópole paulista. Sobre essa época, eles nos contam também seus desejos de conhecer algo diferente, de se aventurar e de viver em uma moderna capital.

Quanto à década de 1980, nos chegam representações de um lugar monumental sim, de oportunidades, mas ao mesmo tempo onde paira insegurança, violência e bastante desemprego. Já referente aos anos de 1990, fala-se de um lugar que não pára, agitado e impressionante. Cidade de multidões e solidão, mas ainda de orgulho por sua magnitude, capaz de despertar apego, e não por acaso, de forma contraditória, sendo recordada com marcas de um tempo em que a maioria dos nossos entrevistados desejou retornar à terra natal.



Todavia, vale dizer que, de uma maneira geral, entendemos os espaços recordados pelos quixadaenses como sendo qualitativos, vividos, e que podem despertar saudades ou, por definição, “um espaço nostálgico, um lugar aberto a todas as nostalgias, isto é, carregado de afetividade” (SAYAD, 2000, p.12). Quando pensamos de forma específica a cidade e São Paulo em nosso trabalho, tivemos como perspectiva um lugar redundante, que se repetiu e se repete por representações para fixar suas imagens nas lembranças dos quixadaenses. Ele foi apresentado na reedição das histórias dos migrantes através de suas memórias que, por sua vez, teve como características também repetições de símbolos, os quais deram formas a uma cidade ambígua, que passou a existir conforme as experiências de indivíduos, revelada na tessitura do social⁷.

Eis como pensamos o espaço, a cidade e São Paulo, este que foi o destino dos migrantes quixadaenses a partir de 1973 a 2001; recorte do qual partimos para analisar o objeto deste trabalho. Contudo, quando apresentamos as saídas e retornos de indivíduos (Gráfico 1), e falamos das representações do cotidiano dos entrevistados sobre São Paulo, especificando relatos que se referem às décadas de 1970, 1980 e 1990, entendemos que lidamos com memórias. Os tempos que afloram através das recordações não são lineares, e sim, superpõem-se, “pois a memória não tem margens nem limites, é solta, atrela-se apenas ao desejo” (NOGUEIRA, 1998, p.1), que pode ser manifesto tanto por valores que foram re-elaborados no passado, mas atualizados no presente, como pelas condições do momento da entrevista, marcada pelo agora, por um pretérito e também por prospecções de um futuro melhor.

Entre os tempos da memória e os espaços representados, partimos para a ideia de contexto que foi utilizada na pesquisa, mas, devemos informar que não o pensamos como sendo estrutural, preestabelecido, generalizado a priori, para que a partir dele possamos analisar nosso objeto, mas, na verdade, tivemos em vista compor tramas que foram tecidas e entrecruzadas a partir de rastros deixados na estrada da vida, por meio de memórias⁸. Partimos das versões dos quixadaenses entrevistados, para que assim pudéssemos constituir e analisar uma pluralidade de

⁷ Sobre as ideias de espaço e cidade apresentadas no parágrafo, ver: CALVINO, 1990, p.23. E também: NOGUEIRA, 1998, p.1.

⁸ A abordagem das fontes, a utilização de pistas visando compor uma trama e a investigação neste trabalho recebe a influência de propostas da micro-história. Sobre isso, ver: GINZBURG, 1989.



contextos, elaborados e necessários à compreensão de comportamentos que estudamos (REVEL, 1998, p. 27). Visamos construir e representar um pouco do contexto, quando discutimos, costurando e apresentando as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo.

Ora, se entendemos que “a memória é o depósito e a máquina dinâmica a revelar e reconstituir as ações passadas, engajadas nas nossas experiências atuais” (JUCÁ, 2002, p.108-109), se lidamos com sujeitos que moraram em São Paulo, mas no momento das entrevistas viviam em Quixadá, e mais, estavam a recordar suas idas e vindas já acontecidas, foi interessante saber: o que representou a experiência da migração para os quixadaenses que entrevistamos? Esta é a questão que nos orientou no primeiro capítulo, onde os protagonistas foram apresentados e nos falaram de um passado entre representações de identificações e diferenças, mas também do presente e de projetos futuros, assim como, sobre as posições que ocupavam e defendiam para si. Partimos, por certo, das reedições de histórias pelas memórias, que foram re-elaboradas diretamente da terra natal dos migrantes.

Ainda sobre o capítulo primeiro e norteado por sua questão contatamos que entre identificações e diferenças elaboradas pelos migrantes, em meio a valores e sentimentos que podemos perceber através da análise das representações, um pouco do que significou a migração para os entrevistados, ou seja, uma oportunidade de conhecer outro Estado; de obter melhorias que possibilitam se perceber e ser percebidas como cheias de vida ao retornar à terra natal, como especificou Margor-Marly, ao tratar de suas conquistas; ou mesmo, como um modo de amealhar dinheiro, ainda que seja pouco; comprar uma casa; um transporte; arranjar um jeito para trabalhar, ser empregado; e quem sabe também, com o desfecho de um período de suas vidas, em que pudessem encontrar uma pessoa e casar, como transpareceram D. Alderiza Silva e D. Valquíria de Holanda.

Aliás, a migração representou também, haja vista o pouco grau de escolaridade dos entrevistados, a realização de uma complementação da formação de sujeitos que não tiveram “oportunidade... de se formar”, como afirmou o Sr. Antônio Teixeira, mas que agora podem falar



com a autoridade de quem acumulou conhecimento na vida, de fato: “uma grande experiência”, como especificou o Sr. Cláudio Laurentino. E hoje, representando o passado vivido, às vezes o assemelham a um grande livro que foi lido, a exemplo do que disse o Sr. Gilberto Nunes.

No segundo capítulo, privilegamos a trajetória de vida de Margor-Marly, uma das doze protagonistas deste trabalho, escolhemo-la por termos, sobre sua vida, inúmeras fontes, variadas pistas, como: mais de quarenta correspondências da época que migrou e três entrevistas que nos concedeu. Deste momento do trabalho não partimos necessariamente de agoras, do presente para pensarmos nosso objeto, recorreremos a indícios do passado, as correspondências, por exemplo, que chegam a anteceder uma emigração, mas que nos ajudou a problematizar as razões, as motivações de uma atração por São Paulo. Aliás: por que quixadaenses emigraram, semelhante a Margor-Marly, para São Paulo?

Eis a pergunta do segundo capítulo. As repostas foram pinçadas pela análise de rastros, deixados na estrada da vida, através de um contexto tecido e que tratou dos motivos plausíveis de uma migração para São Paulo, mais ainda, de sensibilidades que a marcaram as histórias de quixadaenses.

De fato, não entendemos no segundo capítulo que a história de Margor-Marly tenha servido, no trabalho, como exemplo para se explicar a migração de todos os quixadaenses. Nas entrevistas que realizamos com doze pessoas que foram para São Paulo, e que estavam morando em Quixadá, a mais de quatro anos, elas nos contaram sobre suas motivações ao emigrarem, que se assemelham as de Margor-Marly, como por exemplo: conseguir um futuro melhor; pelas facilidades de já terem conhecidos seus radicados em São Paulo, e ainda, para amealhar recursos e depois voltarem à terra natal.

Mas, por outro lado, sabemos que trabalhamos com representações e, em grande medida, com as memórias desses indivíduos que estão abertas “à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas sucessivas deformações” (DOSSE, 2003, p.282). Assim, o que de fato eles recordaram? Um passado atualizado, re-significado no presente, mas também com marcas de



experiências de um outrora, que possivelmente, transformou as maneiras de pensar e viver desses indivíduos.

Os entrevistados narraram suas trajetórias e as representaram-na por um percurso que teve começo, meio e fim por suas narrativas, porém, o cabedal de fontes trabalhadas sobre a trajetória de Margor-Marly, nos levou a indagar sobre a própria coerência linear das histórias dos demais, nos conduzindo, pela análise de indícios como as correspondências, a uma aventura que é a tradução de um estranho, o passado, tão complexo, não linear, com idas e vindas ambíguas, marcado por contradições.

Se a vida social de Margor-Marly se assemelhou a dos demais entrevistados que emigraram e retornaram para Quixadá no fim do século XX, podemos contar uma versão dessa história com “verdades possíveis, condizentes e explicáveis pelas fontes, método e teoria” (PESAVENTO, 2000, p.232), e ainda, generalizar uma pergunta: por que ocorreu uma emigração? Para em seguida, nos aventurar e colher, pela análise dos indícios que nos chegaram, algumas respostas, que não se mostraram generalizadas e, sequer puderam evidenciar, de forma unívoca, as motivações de uma emigração.

Pelas cartas partimos, em nosso enredo, para pensar os antecedentes de uma migração; comparamos e cruzamos as informações contidas nas missivas com as obtidas pelos relatos de memória de Margor-Marly, para pensarmos a construção de um contexto, é verdade. E, através do romance que ela estabeleceu com Paulino, seguimos pensando numa atração por São Paulo. Esta que, nos pareceu marcada por sensibilidades, talvez mesmo possamos dizer: afetividades!

Se no primeiro capítulo perguntamos o que representou a migração e no segundo problematizamos sobre a questão dos porquês de um migrar, no terceiro capítulo, a pergunta que nos orientava era exatamente: por que nossos entrevistados retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá? Diferentemente do segundo momento da dissertação, onde privilegiamos a trajetória de vida da Margor-Marly, no último capítulo, nossos entrevistados, de uma maneira geral, nos contaram suas versões de um retorno. Porém, apesar da liberdade que tiveram de se expressar, atentamos para a memória social, que marcava os relatos dos indivíduos,



pois, como sabemos, a (re)construção do passado é seletiva, e submete-se, conforme especifica o Professor Gisafran Jucá, às limitações que são impostas pela sociedade, e podem, de fato, nos revelar tramas de relações sociais (JUCÁ, 2002, p.108-109).

Assim, escolhemos iniciar o terceiro capítulo, como estratégia narrativa, partindo da entrevista do Sr. Américo Soares, sujeito utilizado como modelo de migrante, que entrevistamos. Mas, na verdade, não foram enredadas apenas as versões desse quixadaense, pois, no último capítulo, histórias se entrecruzaram por aproximações estabelecidas, e isso trouxe à tona sentidos possíveis de uma memória social, a partir das narrativas de indivíduos e, por extensão, nos mostrou explicações acerca das motivações de um retorno à terra natal, mas também sobre os conflitos, conquistas e mudanças, que uma migração acarretou para o grupo de quixadaenses entrevistados.

Mas, porque mesmo eles (os entrevistados) retornaram de São Paulo e passaram a morar novamente em Quixadá?

Eles voltaram porque já tinham acumulado experiência com a migração, porque puderam escolher onde continuar vivendo, porque mudaram e moldaram suas opiniões, porque tiveram filhos e a “casa” não mais os acomodava, ou mesmo por não ter naturalizado o estilo de vida de uma grande metrópole, não tê-la mais aguentado. Tinham conhecido a capital bandeirante, amealhado recursos, sentido saudades, assim como, sentido-se diferentes; e regressaram depois de aprender a chamar São Paulo de realidade, não mais de um sonho a ser conquistado, futuro almejado.

Voltaram, inclusive, porque encontraram seus amores e casaram, sendo isso já o bastante para mostrar sua distinção em um retorno à terra natal, como foi comum nessa experiência de migração. Retornaram para constituírem uma nova rotina, idealizando as vezes, uma terra deixada de um passado partido com a emigração, quem sabe um encontro consigo ou, com uma mulher amada, jamais acontecido. Porque ainda abusaram as ideias e projetos que outrora fizeram sentido, não mais aventuras e desconhecidos, ansiaram por novos ares. As conquistas aconteceram, sujeitos foram mudados.



Por último, vale dizer que quando elaboramos as questões centrais que nos orientaram nos três momentos de nosso trabalho, “não buscamos a generalização das respostas, e sim das perguntas” (LEVI, 2009, p.52), as respostas nos chegaram por fragmentos, como pedaços tecidos em forma de um mosaico de retalhos, mas, nos ajudou a perceber, através das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, os rastros de uma migração, assim como a detectar e a traduzir histórias marcadas por sensibilidades.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BARROS, Vilarin Barbosa. Pensando um modo de fazer história através das representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. In: **Travessias**. UNIOESTE, Ed.10, vol. 4. p.615-633. 2010.
- BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALDEIRA, Teresa do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34 / Edusp, 2000.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de. Operação histórica. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Fco Alves, 1998.
- CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. **Revista de História**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, 2008.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros: cotidiano e representações**. São Paulo, Humanitas/FELCH/USP/ Fapesp/ Educ. 2003.

FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa, Editora Teorema, s.d.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A polifonia urbana expressa na oralidade. In: Dossiê: História, memória e oralidade, **Revista Trajetos**, v.2, n.3. Departamento de História da UFC, Fortaleza, 2002.

MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. São Paulo, EDUSC – Bauru, 2002.

NETO, Maria Inácia D'Ávila; NAZARETH, Juliana. Redes sociais na experiência migratória de Mulheres Nordestinas. In: ANAIS DO XV ENCONTRO REGIONAL DA ABRAPSO, 2006, Minas Gerais. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/315.redessociaisnaexperienciademulheresnordestinas.pdf>. Acesso em: 01 maio 2011.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. A cidade imaginada ou o imaginário da cidade. História, Ciências, Saúde. **Manguinhos**, vol.5, n° 1: p.115-123, Rio de Janeiro, mar.-jun. 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Os sete pecados da capital**. São Paulo: Hucitec, 2008.

PETERSEN, Silvia Ferraz. A renovação da historiografia e o tema da vida cotidiana: desfazendo alguns equívocos. In: MUCH, Cláudia (org.) **Porto Alegre na virada do século 19: cultura e sociedade**. Porto Alegre/ Canoas / São Leopoldo: Ed. Universidade/ UFRS / Ed.ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho – Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História 15, Ética e História Oral**; São Paulo, 1997.



- REVEL, Jacques (Org.). Microanálise e construção do social. In: **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SALES, Telma Bessa. **Memórias e Experiências de canudenses na cidade de São Paulo - 1950-2000**. 2006. 216 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.
- SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia. Revista do Migrante**, Publicação do CEM – Ano XIII, Número Especial, Janeiro/ 2000.
- SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n.13, julho de 2000.
- SOUSA, Thiago Romeu de. **A re-territorialização do retornado cearense: uma proposta de análise**. 2006. 174f. Dissertação (Mestrado em Ordenamento Territorial e Ambiental) – Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2006.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. Sensibilidades sociais e história de vida. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**. Universidade Federal de Uberlândia. Fundação Casa de Rui Barbosa, vol. 6, Ano 6, n°3. 2009.
- VENÂNCIO, Giselle Martins. Memória guardada em papéis e livros. **Trajetos**. Revista de História UFC. Fortaleza, vol. 3, n°6, 2005.
- VIEIRA, Eloy Santos; et al.. As redes e o novo consumidor de notícias. In: XII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, Campina Grande – PB, 10 a 12 de Jun, 2010. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R23-0425-1.pdf>>. Acesso em: 30 jun., 2011.